AZUL
BD
TRÊS
Nº 3 • Outubro/Dezembro 94 • 350$00
Especial VIOLÊNCIA

a violência, está bem.

CRAC

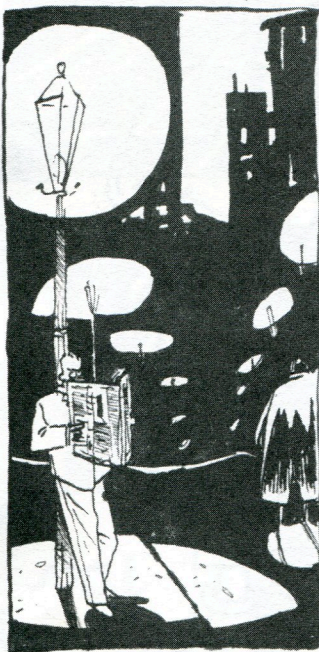
vai demasiado longe...

THIERRY GUITARD 93

INDÍCE

UM ANO de AZUL. E um número temático dedicado à Violência. Aquela com que somos diariamente confrontados a todos os níveis.
São visões interpretativas, logo pessoais, de cada um dos autores e escribas que colaboram nesta edição.
Muitas mais páginas seriam necessárias para que este tema, já de si tão vasto, ficasse aqui tratado com alguma profundidade.
Como isso não é possível, nem era essa a nossa intenção, ficam apenas algumas pistas que, avisa-se, poderão nalguns casos ferir sensibilidades. Reflictam sobre elas.
Quanto a nós, estamos serenos. Por enquanto.

Rui Brito

VIOLÊNCIA
CLIK!
CLAK!
OLÁ, JÚLIA!...
POW!
ADEUS...JÚLIA!...

MORTA!
NUNCA A PERDOEI!
FUI SIMPÁTICO...
ELA NÃO!

POR ISSO MATEI-A!

ESQUARTEJEI A...

... REMENDEI-A ...

PINTEI-A...

...VESTI-A...

SÓ MINHA!

PARA SEMPRE
!!! MINHA ATÉ MORRER! HA! NÃO TEM PIADA, HEIN, QUERIDA?

QUE É QUE SE PASSA, QUERIDA? NÃO ESTÁS CONTENTE? RESPONDE !!!
RESPONDE! QUE FAZES? PORQUE DORMES? JÁ NÃO ME QUERES?

NÃO

MORTA! QUERIA TÊ-LA À MINHA MANEIRA ... ACABEI POR A MATAR! AGORA ... NÃO A TENHO ...

TENS. SIM! AQUI ESTOU EU PRONTA PARA !!!

!!! PARA MIM! VENS PRONTA PARA MIM ?

NÃO! PRONTA PARA TE MATAR ...

FIM

TIG & MARTA
HROUF
HROUF
SEX
SPANK
GAY
ONAN
FIST
SNUFF VIDEO REAL DEATH
PISSORAMA
VIDEO
SNUFF VIDEO
VIDEO
MÅRDØN SMET

WILL EISNER

Em corpo e espírito

por **Domingos Isabelinho**

"The Spirit" comparte com "The Phantom" o lugar de "Fantasma mais famoso da história dos *comics* ". Apesar da diferença de qualidade entre ambas as séries, a favor da primeira (claro!), por cá sempre se editou mais o segundo, uma vez que pouca ou nenhuma atenção se deu ao fenómeno *comic book* (ou afins, já que "The Spirit" era um suplemento independente incluído no interior dos jornais).
Vencendo essa lacuna (apenas uma entre tantas), os amantes da bd em Portugal conhecem a obra e admiram o homem, Will Eisner, criador do "The Spirit".
A entrevista que se segue foi feita por escrito e pretende tocar em vários aspectos da obra de Will Eisner por ordem cronológica.

Spirit.

Que circunstância especial da sua vida o fez entrar no mundo da banda desenhada?
Desde a minha infância que me interesso por literatura e pela arte. A banda desenhada é uma combinação natural da literatura e da arte; por isso, quando tive oportunidade de fazer uma *comic strip* para o jornal do meu liceu, o rumo da minha carreira definiu-se.

Como travou conhecimento com "Jerry" Iger e como (e quando) é que ambos criaram o estúdio Eisner-Iger? Quem fazia parte dele?
A primeira vez que estabeleci contacto com Jerry Iger, era ele editor da revista "WOW". Vendi-lhe duas séries, "Scott Dalton" e "Hawks of the Sea". Alguns números depois a revista foi-se abaixo. Mas apercebi-me que, então, os *comic books* estavam a proliferar e que histórias novas e originais seriam necessárias para complementar as tiras diárias que estavam a reimprimir. Nessa altura o Iger estava sem trabalho e, por isso, propus-lhe que formássemos um estúdio para "reunir" *comic books* para novos editores.

"Hawks of the Seas".

Eu acreditava que era necessário um estúdio para fornecer um álbum completo até à arte final. Entrei com o dinheiro para os três primeiros meses de renda de um pequeno escritório. Escrevi e desenhei o primeiro trabalho sob cinco nomes e estilos diferentes de tal maneira que pudéssemos dizer aos nossos clientes que tínhamos pessoal a trabalhar para nós. Em menos de um ano, tínhamos um estúdio em boa realização com vários clientes. Comecei a contratar artistas como Bob Kane, Jack Kirby, Bob Powell, Jon Fine, Klaus Nordling e Mort Meskin. Por volta de 1939, tínhamos 15 pessoas no estúdio.

Ao criar o estilo "Eisneriano", que desenvolveu na sua série "The Spirit", famosa em todo o mundo, sentiu-se influenciado pela chamada Escola Expressionista Alemã de Cinema? De que maneira?
Cresci na era da Grande Depressão. Os anos 30 eram os anos em que os filmes de Fritz Lang e do sempre experimental Man Ray estavam a ser feitos. Era a época do preto-e-branco com histórias que procuravam reflectir a vida própria das cidades. Até mesmo os filmes de

Primeira tira - 1935.

fantasia expressionista alemã tinham como pano de fundo a vida real. "The Spirit" era baseado na vida citadina e no crime urbano. O'Henry, De Maupassant e Ring Lardner foram os escritores de contos curtos que mais me influenciaram.

É famoso pelas *splash pages* incrivelmente criativas. Porque as desenvolveu? Para prender a atenção do leitor desde a primeira página?
As *splash pages* foram um resultado do meu esforço para criar uma página introdutória. Sabe, o "The Spirit" era um suplemento de um jornal com 16 páginas. Free Standing era o termo técnico que se lhe aplicava. Senti que era necessário prender a atenção do leitor criando uma primeira página que pusesse a história em movimento e que o preparasse para o que se seguiria. Problemas como esse estimulam a experiência e o espírito inventivo.

Como travou conhecimento com Jules Feiffer? Qual a sua importância para a composição de "The Spirit"?
Jules Feiffer candidatou-se a uma vaga de emprego por volta de 1947. Contratei-o para colorir os fundos e para executar trabalho geral de estúdio. Pouco tempo depois, ele começou a escrever algum do diálogo e era óbvio que era brilhante a fazê-lo. Mais tarde veio a escrever muitas das histórias de "The Spirit". Acrescentou um sentido de sofisticação às personagens.

Alguma vez lamentou ter deixado a banda desenhada de 1952 a 1978?
Nunca me arrependi dos anos em que me dediquei à publicação de "*comics* pedagógicos". Satisfez a minha necessidade de explorar novas dimensões para o meio.

Adora a *Big City*, particularmente os ghettos esquecidos. Não acha que o Homem é, em certo sentido, esmagado por ela? Que a *Big City* como que o desumaniza?
Acredito que as grandes cidades são, em certo sentido, como uma selva, embora tenham sido originalmente criadas como um refúgio seguro para as pessoas, um lugar onde elas, vindas dos campos e das florestas, pudessem chegar. Tornaram-se agora lugares de perigo. Qualquer concentração de pessoas "desinvidualiza-as" e faz parte do processo de desumanização. ■

❏ **ASSINATURA (3 números/1 ano)**........**1000$00**

Números disponíveis:

❏ **AZUL BD TRÊS 1** (Dossier Animação; BD`s de: J.P.Marques, Lacas, Smet, Ana Cortesão, Ricardo Blanco, J.Mendonça/F.Sengo, Arthur Garcia, Diniz Conefrey, Xanxa/R.Brito, Lèbre e Diferr)........**450$00**

❏ **AZUL BD TRÊS 2** (Dossier Animação [2]; BD`s de: J.P.Marques, Arthur Garcia, J.Gonçalves/Rosie B., Smet, Yip Sou, Ricardo Blanco, M.Alves/B.Bluff, J.Mendonça/F.Sengo, Ana Cortesão, Blanquet, Diniz Conefrey, Lèbre e Diferr)........**400$00**

❏ **PIRATININGA** (Recolha dos 10 primeiros episódios da série) por Arthur Garcia........**450$00**

Cheques ou Vales à ordem de: **ASSOCIAÇÃO JOGO DE IMAGENS**, Apartado 6101 2700 Amadora **Total..............$00**

Nome........Morada........

........Código Postal........Idade........

NÃO SOU MALUCO! NÃO SOU MALUCO!!! LARGUEM-ME!!
O CANIVETE
AN OTHER DREAM J.D. 92
F-N
DEIXEM-ME... DEIXEM-ME FALAR COM ELA
JULIE, QUERO DAR-TE UMA COISA
S...SIM?
UM

EM NOSSA MEMÓRIA...
O CANIVETE!
TOMA...
HA! HA! HA!
E ACORDEI

A CADEIA ALIMENTAR

UMA HISTÓRIA PARA CRIANÇAS

POR XANXA

EH! EH! EH!
QUE É ISTO? UMA REDE? QUE MAÇADA. JÁ ME ESTRAGARAM O DIA.
DESCULPE! NÃO SABE QUE ESTÁ A CAÇAR EM ZONA PROTEGIDA?
SEI! MAS NÃO HÁ AQUI NINGUÉM PARA TE PROTEGER.
ESTÁ ALI UM GRUPO DE ELEFANTES. OS SEUS DENTES VÃO RENDER-ME UM BOM DINHEIRO.
AH! ESTOU FEITO! FUI APANHADO POR UM CAÇADOR FURTIVO.
A VIDA CONSEGUE SER INJUSTA PARA NÓS ANIMAIS! VIVEMOS CONSTANTEMENTE EM PERIGO. PORQUE TINHAS DE ME MATAR? SOU ASSIM TÃO IMPRESCINDÍVEL?
NÃO É UMA QUESTÃO DE SERES IMPRESCINDÍVEL. TUDO NÃO PASSA DE UM JOGO DE INTERESSES!

NÓS CAÇADORES TEMOS RAZÕES PARA VOS CAÇAR! AS VOSSAS PELES E OS VOSSOS DENTES DE MARFIM TÊM MUITO VALOR NO MERCADO.
GRAÇAS A ELES PODEMOS FAZER OBJECTOS DECORATIVOS PARA AS NOSSAS CASAS, BELAS CARTEIRAS PARA TRANSPORTARMOS O DINHEIRO, SAPATOS, CINTOS E MUITAS OUTRAS COISAS.
AAAH!
É UM JOGO DE INTERESSES, DESAGRADÁVEL PARA UNS MAS IMPORTANTE PARA OUTROS. UMA ESPÉCIE DE CADEIA ALIM...
E ASSIM TERMINOU MAIS UM DIA NA FLORESTA ...
PORQUE O MATASTE? PODÍAMOS UTILIZÁ-LO COMO REPRODUTOR!
NÃO SERVIA. TEM O COISO MUITO PEQUENO.
FIM

Duas mortes, um culpado, dois especialistas e uma... guilhotina.

Tragam-me a cabeça de Jean-Laurent Olivier

por **Jean-Karim Nicolo**

Ilustrações de **André Lemos**

---

11 de Março 1969. No pátio da Penitenciária de Amiens, a lâmina da guilhotina cai sobre o pescoço de um jovem de 25 anos: Jean-Laurent Olivier. Tinha sido condenado à morte no dia 17 de Junho de 1967 (sábado) por ter estrangulado e violado em Montelvon (uma aldeia próxima de Château-Thierry) duas crianças: Lucien Demarle de 8 anos e a sua irmã, Pierrette de 10. Hoje, sem pôr em dúvida o carácter abominável daquilo que fez e mesmo se a pena capital ainda estivesse em vigor, Jean-Laurent Olivier teria salvo a sua cabeça. Era um doente mental.

O Senhor do "Castelo". Jean-Laurent Olivier nasceu em 3 de Fevereiro de 1944 em Rozay-sur-Serre na província de Aisne. Foi educado por uma ama-de-leite, a srª. Valay: "Era um rapazito de 3 anos, quando o acolhi. Tinha sido abandonado pelos pais. Esteve comigo até aos 16 anos. Frequentou a escola da Câmara, mas ele não tinha sido feito para os livros. Por isso foi primeiro aprendiz de padeiro e depois trabalhador agrícola."

Olivier é um solitário. Não tem muitos amigos. Sai pouco, a não ser para dar longos passeios nas terras da quinta vizinha, propriedade do Conde de Sade...

A "terra". É uma palavra mágica para este adolescente com uma força física fora do comum. Sem fraquejar, recupera-a depois de dias e dias de trabalho seguidos. É uma verdadeira mula! Além disso, não é mau rapaz, com a sua cara de anjo atormentado. Um rapariga da sua idade apercebe-se disso. Chama-se Yvette Balan. Os seus pais possuem uma quinta enorme. Ela insiste para que Jean-Laurent seja contratado como trabalhador agrícola...

No dia 29 de Maio de 1962, Jean-Laurent e Yvette casam-se na Câmara. Da sua união nasce uma criança: Patrice. Jean-Laurent trabalha como um animal. É o primeiro a levantar-se e o último a deitar-se. Está obstinado em fazer rentabilizar os 63 hectares de propriedade. A terra retribui-lhe. A quinta torna-se uma das mais ricas da região. Já a chamam de "O Castelo". Jean Laurent-Olivier é o Senhor absoluto.

"Dói-me a cabeça... Deixem-me dormir." Mas qualquer coisa inquieta os que o rodeiam. Jean-Laurent tem acessos de raiva, raros, mas terríveis. Um dia, e apesar do seu amor pelos animais, bate desalmadamente num dos seus cães depois do que o mata com um tiro de espingarda.

Em seguida, rompe em lágrimas. No dia seguinte, procura o cão por toda a parte. Não se lembra do que fez... Um desassossego que vai transformar-se num pesadelo.

Sábado, 17 de Junho de 1967. Três horas e um quarto da tarde. Jean-Laurent Olivier estrangula e depois viola duas crianças que conhece desde a nascença. Na véspera, os pais de Lucien e de Pierrette Demarle tinham prevenido a polícia. "Os nossos pequenos não regressaram. Saíram para procurar morangos silvestres."

Após uma busca, encontram-se os seus corpos no pequeno bosque de La Futaie. Uma testemunha, Maurice Himmosoet, viu o tractor de Jean-Laurent por aqueles lados no dia do crime. Quarenta horas de vigilância contínua e trinta horas de interrogatório são necessárias para que Jean-Laurent minta e confesse.

"Tinha visto as crianças passar diante da minha quinta quando ia a sair com o semeador mecânico. Deviam ser umas três horas. Segui-as discretamente com o meu tractor e vi-as parar para apanhar morangos. Continuei por ali acima até ao bosque de La Futaie. Ao ver a pequena, vieram-me ideias à cabeça."

"Depois desci a pé. Conduzi as duas crianças até ao bosque, dizendo-lhes que o seu pai me tinha encarregado de lhes dar um recado. Quando lá chegámos, estrangulei Lucien e depois enterrei-lhe a cabeça na terra. A pequena olhava-me, chorando. Estrangulei-a também e depois violei-a... Sim, esse sou eu... É um desastre... Dói-me a cabeça... Deixem-me dormir..."

"O desejo... A vertigem". O juiz de instrução considerou Jean-Laurent Olivier culpado de duplo homicídio voluntário. É transferido para a prisão parisiense de Fresnes. Enquanto espera o desenrolar do processo, Jean-Laurent Olivier vai ser examinado por três psiquiatras, os drs. Boitelle, Laffon e Roumajon. Este último escreveu, há já alguns anos, uma obra, "Ils ne sont pas déliquants", onde evoca o caso Olivier. Encontramo-lo no seu apartamento de Meudon.

"Foi-me confiado pelo juiz de instrução e fui à prisão de Fresnes, cerca de um mês depois de ser encarcerado. Encontrei um homem que se encontrava como uma bola de músculos, atarracado, gordo e baixo, extraordinariamente vigoroso. Ele falava sem hesitação, respondia francamente, sem fingir. Repetia frequentemente, como se fosse um refrão: 'Trabalhei toda a minha vida. Nada mais fiz senão trabalhar. O que contava para mim era o trabalho.' "

Com o decorrer das visitas do dr. Roumajon, Olivier abre-se cada vez mais. "Recordo-me - prossegue o dr. Roumajon - que ele me falou duma vertigem. Perguntei-lhe de que tipo de vertigem se tratava. Física? Da cabeça? Ele respondeu-me: ' Tive-a assim... Não sei como... Não percebo... Veio-me à cabeça de repente... Eu estava a dar conta do meu trabalho, estava a tirar o meu tractor... Depois vi os miúdos... A vertigem... O desejo...' "

Os três especialistas entregam os seus relatórios no gabinete do juiz de instrução. Chegam todos à mesma conclusão. Jean-Laurent Olivier sofre de uma violência irracional latente, com tiques nervosos crescentes e com ausências de razão repetitivas. Os três especialistas

pedem que o detido seja submetido a exames mais aprofundados.
"Foi o dr. Verdeaux, meu amigo e colega, quem ficou encarregue de realizar novos exames - precisa o dr. Roumajon. Fê-lo sujeitar-se a uma série de encefalogramas. Lembrar-me-ei sempre da resposta dele: 'Não há dúvida. Este homem sofre de anomalias neurológicas de origem orgânica.' "
Este novo relatório é levado à barra de Tribunal, onde é requerido um contra-relatório. Um outro médico submete Olivier a uma nova série de encefalogramas. As conclusões são as mesmas, excepto no seguinte aspecto sublinhado pelo especialista: "Há bastantes anomalias neurológicas, mas não têm qualquer significado."O dr. Roumajon eleva a voz: "Em toda a minha carreira já efectuei mais de 5.000 exames de especialidade. Nunca ouvi tamanha estupidez. Estávamos todos de acordo quanto ao facto de estarmos perante um homem doente no sentido clínico do termo, que apresenta sintomas de uma doença orgânica. Era absolutamente indispensável levar a cabo outros exames, por exemplo uma arteriografia, para pôr em relevo as alterações do sistema de irrigação do cérebro. Era também necessário que fosse examinado por um neurocirurgião. Não esqueçamos nem por um momento que está em jogo a vida de um homem e isso apesar do crime atroz que ele cometeu."
Os drs. Boitelle, Laffon, Verdeaux e Roumajon sentem-se indignados e protestam oficialmente junto do tribunal. Protestos que não demovem o juiz. Jean-Laurent Olivier será julgado.

Cortemos-lhe a cabeça, depois se verá. Outono de 1968. Jean-Laurent Olivier passa por várias sessões à porta fechada no Tribunal de Soissons. Dos jornais irrompem tiradas insultuosas sobre o infanticida: "O monstro de Château-Thierry vai salvar a pele", "O sádico do bosque levado perante os juizes". Segue-se um debate apaixonado a favor e contra a pena de morte. Um importante diário publica uma sondagem onde a maioria dos franceses é a favor. Henriette Demarle exalta os ânimos quando declara entre duas sessões: "Quando penso que naquele sábado à tarde durante a busca ele nos propôs deixar-nos dormir num celeiro da sua quinta porque tínhamos sido expulsos da nossa casa nessa mesma manhã... E nós aceitámos! E agradecemos-lhe a sua bondade! A esse monstro que tinha acabado de torturar os meus filhos."
Um julgamento de cortar a respiração. No banco dos réus, Jean-Laurent Olivier parece ausente, de olhar vago. É também um processo curioso porque nem o dr. Verdeaux, nem os contra-peritos são chamados a tribunal para relatar as conclusões dos encefalogramas!...
Depois de duas horas de tomada de deliberação em sessão à porta fechada entre os juizes, cai o veredicto: a morte. Enquanto espera pela sua execução, Jean-Laurent Olivier é transferido para a Penitenciária de Amiens, onde vai ficar seis meses. A sua única visita - a mulher tinha refeito a sua vida - foi a do padre Blanchot. Nessa altura era capelão da prisão. Hoje, recorda-se: "Olivier não parava de repetir: 'Padre, não sei o que se passou. Tenho a impressão de que não era eu próprio. Juro-o.' Perguntava a mim mesmo como é que aquele rapaz tinha podido cometer um gesto tão contrário ao seu íntimo."
Natal de 1968. Jean-Laurent Olivier envia os seus votos de Feliz Ano Novo ao juiz que instruiu o seu processo. Agradece-lhe por ter sido tão gentil para com ele. De ter tentado compreendê-lo. Este responde-lhe, dizendo esta coisa surpreendente: "Sempre julguei que os especialistas encontrariam alguma coisa em ti..."
E, no entanto, em Paris, os drs. Boitelle, Laffon e Verdeaux, apoiados por outros médicos, continuam a sua luta. Chegam ao ponto de escrever ao ministro da justiça.
10 de Março de 1969. O director da Penitenciária de Amiens anuncia ao padre Blanchot que a execução está prevista para a manhã do dia seguinte. O então capelão nunca esquecerá: "Perguntei-lhe se eu podia providenciar que a sua inumação ocorresse logo a seguir. Pareceu constrangido: 'Não... Precisamente. Foi decidido por instâncias superiores que se procederá a uma autópsia.' Fiz o gesto de abrir a barriga. O director respondeu-me: 'Não... será uma autópsia ao crâneo porque os psiquiatras não estão todos de acordo quanto ao grau de responsabilidade do condenado quanto ao seu equilíbrio mental.' Pela primeira vez na minha vida, berrei: 'O

quê? Não é verdade! Vão matá-lo e só então é que lhe vão abrir o crâneo para ver se existe algum traumatismo?! 'O director estava, ele próprio, estupefacto: 'São ordens... Não posso fazer nada contra isso. Temos que lhe cortar a cabeça. Depois se verá.' "
Tendo conhecimento desta decisão, situada no limite do absurdo, o dr. Verdeaux exige ser riscado da lista de peritos do Supremo Tribunal de Justiça. Já reformado, pudemos contactá-lo por telefone: "Estava mais que encolerizado. Estava arrasado. Agora sinto amargura. Uma profunda amargura."

A guilhotina está manchada. Eu limpo-a. É uma jovem médica, Sylvie Schaub, quem deve efectuar a autópsia do crâneo de Jean-Laurent Olivier. Faz clínica desde sempre no Hospital de Sainte-Anne em Paris: "Olivier? Oiça. Lamento muito, mas não quero falar mais disso. Se quiser saber qual foi o meu papel no meio disto tudo, é só perguntar a Jean Toulat. Contei-lhe tudo."
Rue Dolent no 14º. *arrondissement* de Paris. É aqui que mora o padre Jean Toulat. É um jesuíta que exerce o seu ministério como padre-escrivão. O seu gabinete tem vista sobre uma das fachadas de cor de tijolo da Penitenciária de La Santé: "Esse assunto não deixa de me perseguir. Estou absolutamente convicto no meu íntimo de que se matou um homem que era um doente mental. É uma grande infelicidade para todos aqueles que acreditam na justiça. Encontrei Sylvie Schaub porque estava a escrever um livro, 'La peine de mort en question '. Tome, está tudo no livro."
Página 89. Testemunho da drª. Schaub: "Para ir adiantando, desloquei-me a Amiens na véspera da execução. Estava munida do meu material, mas faltava-me o tripé para prender a cabeça quando esta já se encontra separada do corpo. Acabámos por descobrir um velho tripé que já não era usado há cinco anos num quartinho do Instituto Legal. Na manhã do dia seguinte, não assisti à execução. Esperei numa sala. Os auxiliares do carrasco trouxeram-me a cabeça, ainda quente, debaixo de roupas. Os olhos estavam abertos; fechei-os e procedi à operação. Os auxiliares procuravam apressar-me: 'Srª. drª., despache-se', porque, segundo uma lei ou um costume, é preciso que o enterro se faça antes do pôr do Sol. Depois, colocaram as duas partes do corpo num caixão de criança, com a cabeça entre as pernas. Quando descia para o pátio, fui testemunha de uma cena intolerável, sob a luz intensa dos projectores: metade dos homens que tinham assistido à decapitação estava a vomitar ao longo dos muros; o advogado estava desfeito em lágrimas. Quanto ao carrasco, impassível, estava com um trapo e uma vasilha encáustica, prestes a limpar a guilhotina. Perante aquele gesto zombeteiro, não fui capaz de me conter e disse-lhe: 'O que está a fazer?' Respondeu-me: 'A guilhotina está manchada. Estou a limpá-la.'"

A verdade proibida. A drª. Sylvie Schaub terminou a sua delicada missão. Era preciso agora voltar a Paris para entregar o cérebro ao laboratório para ser examinado por um anatomopatologista. A sorte parece não querer sorrir-lhe. Há uma greve nos transportes: nem avião, nem comboio. Mas o procurador insiste para que seja ela a velar pessoalmente pela preciosa "geleira". A médica tem carta de condução. O procurador fica aliviado. Aluga-lhe um carro. Resta um detalhe a considerar. E se numa operação de stop da polícia, facto tão banal, lhe pedirem para abrir a "geleira"?
É então que, caso raríssimo, lhe é passado um documento de livre-trânsito, onde é requerido a todas as forças policiais e a todas as forças armadas de terra, ar e mar, que lhe seja facilitada a passagem em todas as estradas e em todos os canais em França.
O carro não sofre avarias.
O cérebro chega são e salvo. O padre Jean Toulat tinha perguntado à drª. Schaub o que tinha observado no decurso da sua intervenção. "Observei uma coisa que me pareceu suspeita na massa cerebral: uma diferença de cor num volume do tamanho de uma ervilha pequena no interior do lóbulo; mas, honestamente, com um aparelho tão imperfeito como o olho, não possso afimar nada."
Todos os peritos citados no caso Olivier esperavam a resposta do laboratório. Ainda hoje esperam. Os exames nunca foram tornados públicos. Terão sido feitos?...
Alguns anos mais tarde, por ocasião de um processo importante, o Prémio Nobel da Medecina de 1965, o biólogo André Lwoff, vem a evocar, na barra das testemunhas, o caso Olivier: "Tínhamos mais do que dúvidas sobre a sua responsabilidade mental. Para que servem os especialistas se não são escutados? Seria bom que a justiça não se bastasse a si própria, sobretudo quando é para fazer rolar uma cabeça na serradura."
Jean-Laurent Olivier será o último guilhotinado no mandato do General de Gaulle.■

Este texto foi originalmente publicado no Nº4/93 de L'Autre Journal sendo aqui reproduzido com a devida vénia. As ilustrações são originais.

Violence
VÉBRE
PAF

CAFE
FIN

CUL-de-SAC

QUANDO NOS CASÁMOS SABIA QUE IA SER FELIZ PARA SEMPRE!!...

DEIXEI DE TRABALHAR. PASSAVA OS DIAS ENTRETIDA NA LIDA DA CASA OU A VER TELEVISÃO NO SOFÁ...

SOU FELIZ

NESSA ÉPOCA ESTAVA CONVENCIDA QUE TE AMAVA PROFUNDAMENTE...

... POR ISSO PERDOEI-TE DA PRIMEIRA VEZ QUE ME BATESTE...

... E DA SEGUNDA, E DA TERCEIRA...

ATÉ QUE SE TORNOU UM HÁBITO QUASE DIÁRIO...

NÃO SABIA O QUE FAZER. NÃO TE PODIA DEIXAR PORQUE NÃO TINHA PARA ONDE IR... ESCONDIA A DOR E FINGIA SER NORMAL...

HOJE DECIDI QUE TE IA MATAR. ESPEREI QUE ACORDASSES PORQUE QUERIA QUE ME OLHASSES NOS OLHOS ENQUANTO TE ESFAQUEAVA O CORAÇÃO...

SÓ QUANDO ME APERCEBI QUE NUNCA O IRIA FAZER SENTI O MEDO...

MEDO DE FICAR PARA SEMPRE PRISIONEIRA DO DESTINO...
GANHEI CORAGEM. DIGO-TE ENFIM ADEUS ...
CLICK
ANA CORTESÃO SET.94

Censura e bd
A moral das histórias

por **Domingos Isabelinho**

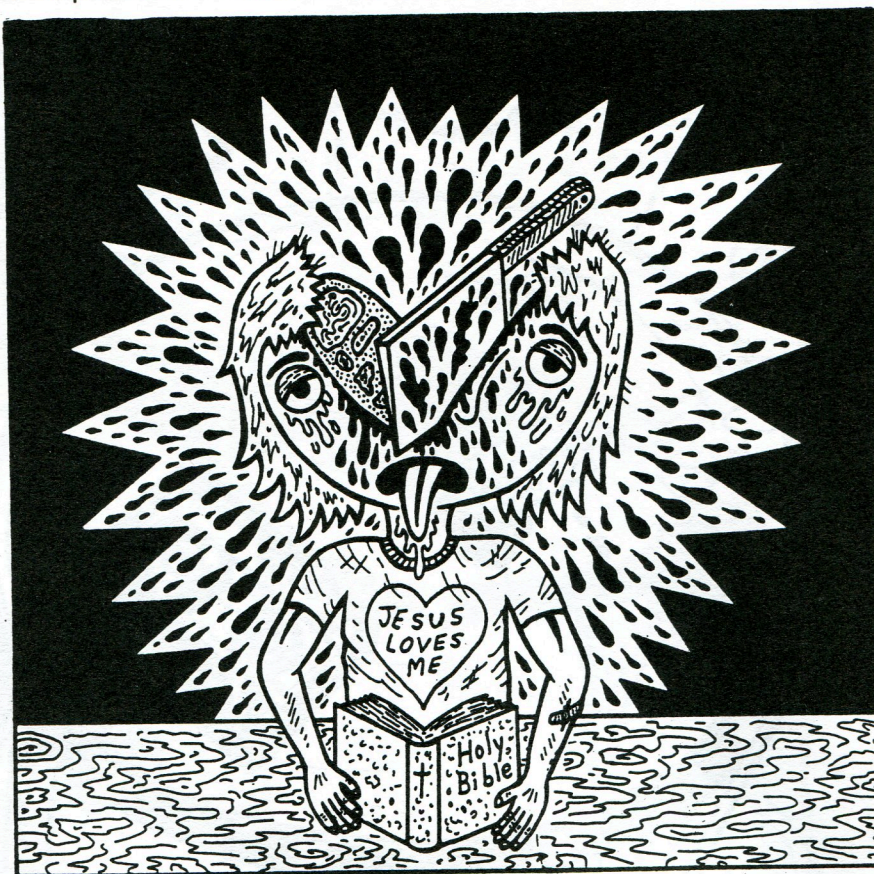
As razões da violência são sempre sociais. Dizer o contrário e culpar a bd, o cinema, a televisão, é arranjar bodes expiatórios

Ler bd já foi, em tempos, uma actividade quase clandestina. Muitos são os relatos de mães que deitavam as revistas no lixo de cada vez que a limpeza ao quarto do petiz se fazia de forma mais completa. Outros pais, porventura menos radicais, tentavam desencorajar os filhos a consumir tais subprodutos culturais, verdadeiras máquinas de corromper a juventude.

Sem entrar na polémica sobre o nascimento da bd (que divide europeístas, com Topffer e americanófilos, com Outcault), parece-me mais ou menos pacífica a opinião que é no início deste século que a bd tem uma difusão verdadeiramente industrial. Se as *comic strips* dos jornais se dirigiam (e dirigem) a um público indiferenciadamente adulto ou infantil, as revistas e *comic books* sempre tiveram como público alvo as crianças e os adolescentes.

Nada de novo: enquanto a bd dos jornais agonizava por excesso de censura (ou auto-censura) e defeito de espaço (com vinhetas do tamanho de selos amontoadas umas por cima das outras), a revista barata, com tiragens de centenas de milhar de exemplares (lembremos as míticas: "Tintin", "Action Comics", "Mundo de Aventuras", para nos ficarmos pelos dois mercados mais importantes - o eixo França-Bélgica, os Estados Unidos - e por Portugal) florescia. Hoje em dia assistimos à emergência alucinante do mercado japonês; bastam alguns números para nos impressionar: de todos os livros e revistas publicados no Japão, 40% são bd ("manga"); "Shonen Jump", uma antologia de bd muito popular, vende mais de cinco milhões de exemplares por semana (e é vulgar que a tiragem das revistas atinja o milhão de exemplares); "Maison Ikkoku" de Takahashi Rumiko já vendeu mais de vinte milhões de exemplares; etc...

Apesar dos esforços de muitos artistas e críticos, a opinião pública de todos estes países encara ainda a bd como uma arte infantil. Assim sendo, entram imediatamente em cena os pedagogos e afins. Os defensores implacáveis desses pequenos e indefesos seres, futuro da sociedade, "o melhor do mundo", etc... São eles que ditam, ou tentam ditar, o que é que as crianças podem ou não podem ver e ler.

Nos últimos anos, tais aves agoirentas (lembremos a águia do "Muppet Show", sátira implacável de Jim Henson ao puritanismo reinante no seu país) têm sido mantidas mais ou menos em silêncio. E há duas razões para isso: por um lado, começa a ser muito difícil controlar as imagens que "correm" cada vez mais à solta pelos inúmeros canais que pululam no nosso quotidiano (cada cidadão consome, em média, umas quinze mil imagens diárias); por outro lado, os juristas têm sido relutantes em colaborar com tais senhores, conotados com a extrema direita (protestante ou outra...). Porque, quer eles queiram, quer não, a censura corta a liberdade de expressão e, num país

Uma das cenas que valeram a condenação em tribunal do seu autor: Mike Diana.
© Mike Diana, 1994.

democrático, tal coisa é inaceitável. Será? Não completamente! Os países onde a censura se torna mais aguda (à parte aqueles que sofrem ditaduras) são os países anglo-saxónicos. Os exemplos de actuações desse tipo são inúmeros: desde os livros, provenientes dos Estados Unidos, apreendidos pelos funcionários alfandegários da Grã-Bretanha, Canadá, Austrália, passando pelas idas a França de leitores ingleses que fazem entrar no seu país material importado da sua ex-colónia (aproveitando a livre circulação de bens entre países da UE), até à condenação em tribunal de livreiros que se atreveram a vender material alegadamente obsceno ou violento. Em Portugal conhecemos uma ditadura e sabemos o que é a censura, mas esses países têm regimes democráticos e, portanto, liberdade de expressão. Sem dúvida que os tais pedagogos e juristas são contra a censura (era o que lhes faltava! Eles são democratas e bons cidadãos!). A táctica está em proibir a difusão, não a criação... Porque, como escreveu Peter David: "O que eles normalmente dizem é, 'não sou a favor da censura, mas...' e é o resto da frase que põe a mentira na primeira parte".

Mike Diana, jovem autor de "fanzines", foi condenado recentemente num tribunal da Florida, não por ter produzido bd "indecente e violenta", mas por tê-la vendido aos seus jovens amigos. Em França houve rumores de que um tal Grupo Ampère, ligado à Igreja Católica, tentava moralizar a bd. Mas, nos países latinos da Europa, essas campanhas não encontram, felizmente, grande eco...

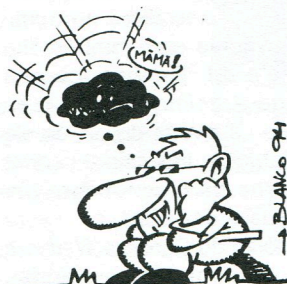
Tudo começou, aos olhos da opinião pública, nos já longínquos anos 40 com os "estudos" de um reputado psiquiatra, com clínica no bairro de Queens, em Nova Iorque, chamado Fredric Wertham. No seu livro, "Seduction of the Innocent", mais conhecido entre os estudiosos dos *comics* como SOTI, Wertham expunha a teoria de que as crianças são puras (não fossem julgá-lo mal), só que há forças malévolas que as corrompem. No inquérito do Senado norte-americano de 1954, Wertham serviu-se do relato de Santo Agostinho em que este afirma detestar os espectáculos sangrentos do circo romano. Quando, finalmente, um amigo o convenceu a ir assistir a um, o Santo apercebeu-se de que, sub-repticia e insidiosamente, se começava a sentir "inconscientemente deliciado". Tinha sido seduzido!

Para o dr. Wertham, os *comic books* policiais e de terror induziam os adolescentes ao crime, ensinando-lhes, até, as

Fogo de artifício gráfico de Frank Miller: "Sin City, a Dame to Kill For", 1994. © Frank Miller.

técnicas necessárias. Aos seus olhos eram autênticos manuais do jovem *gangster*. Wertham entrevistou três centenas de jovens delinquentes e constatou que todos liam *comic books*; logo, concluiu ele, os *comic books* eram uma das causas importantes que ajudavam a desviar os jovens do bom caminho. Esta conclusão é, como é óbvio, absurda, e é incrível como um homem dito de ciência debitava preconceitos em vez de utilizar convenientemente o método científico. Postas as coisas desta maneira, Wertham poderia concluir igualmente que as cadeiras levam à delinquência, já que todos os delinquentes se sentam.

O que Wertham se "esqueceu" de referir foi que antes de existirem *comic books* já havia delinquentes juvenis e que, caso entrevistasse rapazes ditos normais, muito provavelmente eles também lhe diriam que liam bd. Também não há notícia de que a delinquência tenha terminado entre os jovens depois de ele quase ter destruído a indústria do *comic book*. Os jovens não confundem tão facilmente realidade e fantasia.

No citado inquérito do Senado, Wertham foi ao ponto de contestar as teorias

psicanalíticas de Donald Winnicott sobre delinquência juvenil (sem fundamentar minimamente as suas opiniões e sem nomear sequer o autor da Teoria da Relação de Objecto).

Para Winnicott, os delinquentes juvenis são jovens desequilibrados por uma relação deficiente com os pais (com a mãe durante os primeiros anos). Descrevendo a sua teoria muito, muito resumidamente: o feto encontra-se num ambiente óptimo, sendo daí arrancado violentamente ao nascer. Se, atingindo o estado adulto, a pessoa já deve estar completamente adaptada ao "novo" ambiente social (o que nem sempre acontece), enquanto criança tem de ser compensada pela terrível perda (do paraíso?), criando um Espaço Potencial (como lhe chamou Winnicott); um mundo muito seu, feito de brinquedos, histórias fantásticas e afectos parentais. Faltando isso, porque a relação entre os pais ou os pais e a criança é deficiente sendo, em muitos casos, as condições económicas em causa de pobreza, temos uma infância destruída, uma pessoa lançada precocemente no mundo social adulto e um delinquente que vai buscar, roubando, a compensação que, sente, lhe é devida.

A teoria de Winnicott é muito mais articulada e plausível que a de Wertham. As razões da violência são sempre sociais. Dizer o contrário e culpar a bd, o cinema, a televisão, é arranjar bodes expiatórios. Os políticos sabem-no muito bem; nos países puritanos, essa é uma maneira fácil de conseguir votos.

Segundo a Teoria da Relação do Objecto, o Espaço Potencial prolonga-se durante a vida adulta nas obras de arte, os brinquedos dos adultos. Os que gostam de bd e não passam sem ler as suas histórias aos quadradinhos (mesmo violentas) sabem que isto é verdade, embora um adulto deva reconhecer mais qualidade (e tirar mais prazer da leitura) de um autor mais próximo da realidade (ou do meio caminho, como se proclamou Carl Barks, citando Tolkien) do que de outro mais fantasista. O crescimento assim o determina.

Vivemos num mundo violento; basta ver o Telejornal ou ler os jornais para perceber isso. Esconder esse facto das crianças é atrasar-lhes o desenvolvimento psicológico, criar seres inadaptados, sem informação suficiente para se desembaraçarem em sociedade de forma independente.

Quer isto dizer que todas as bd violentas são automaticamente boas? Não! Mas, chegados a este ponto, entramos no problema mais vasto da qualidade intrínseca das obras. Em vez de se preocuparem em proibir seja o que for, todos os que têm responsabilidades no campo educativo deviam preocupar-se antes em formar o sentido crítico dos jovens. Coisa muito difícil, como se sabe, e que exige grande paciência e tempo.

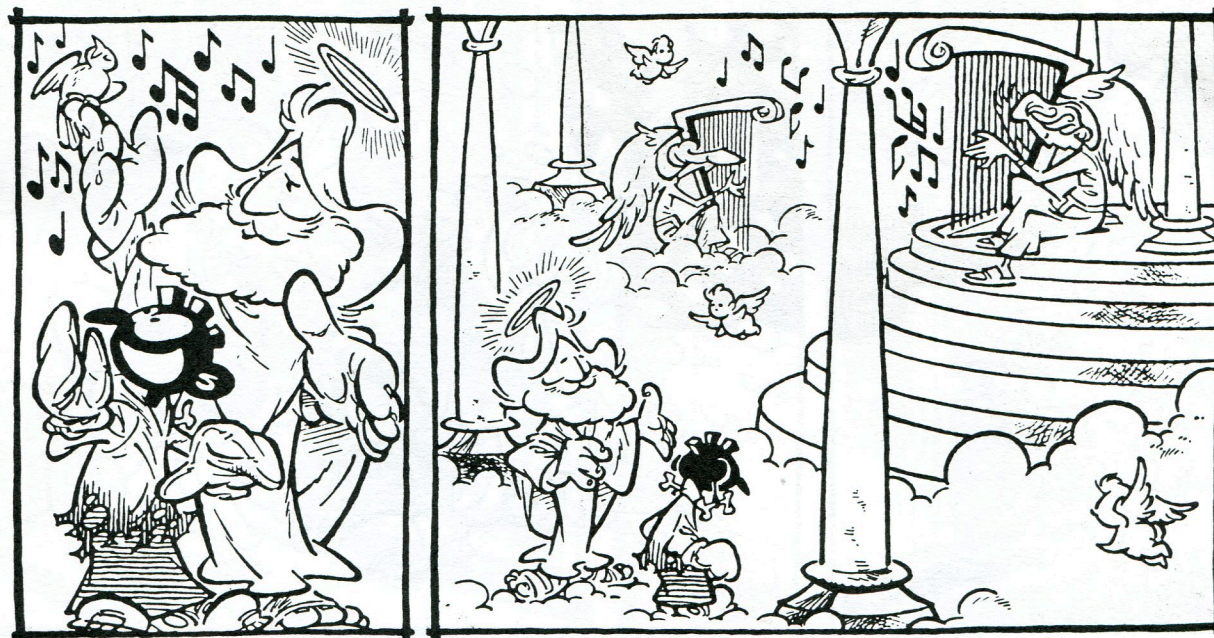
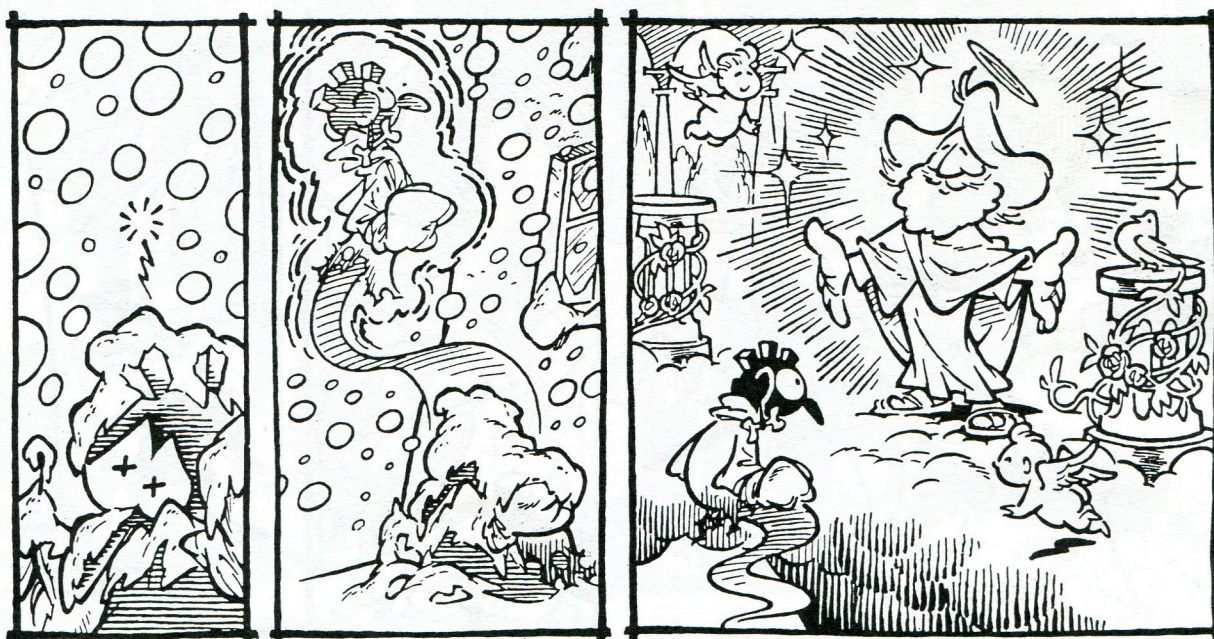
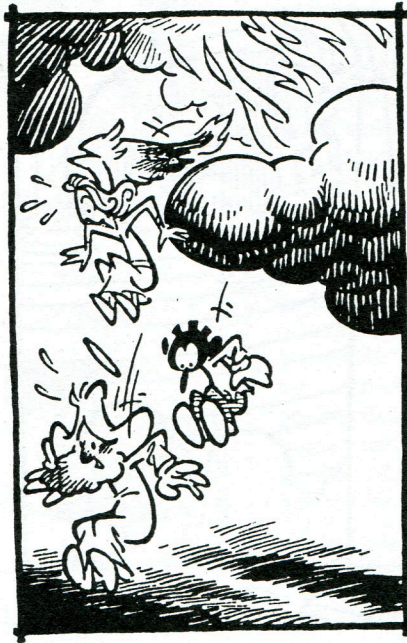
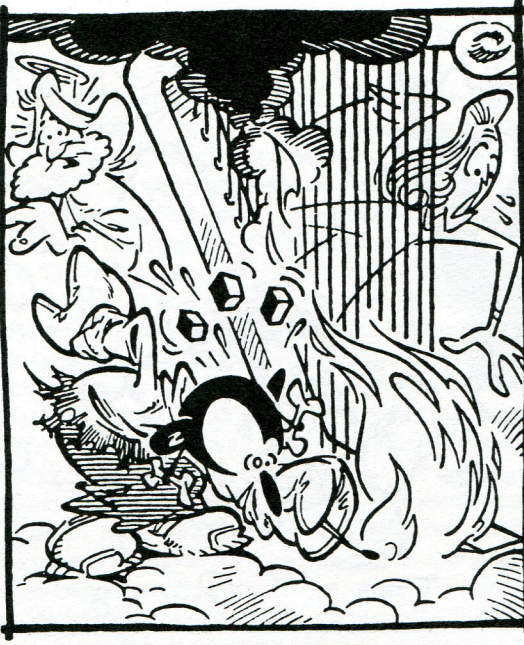
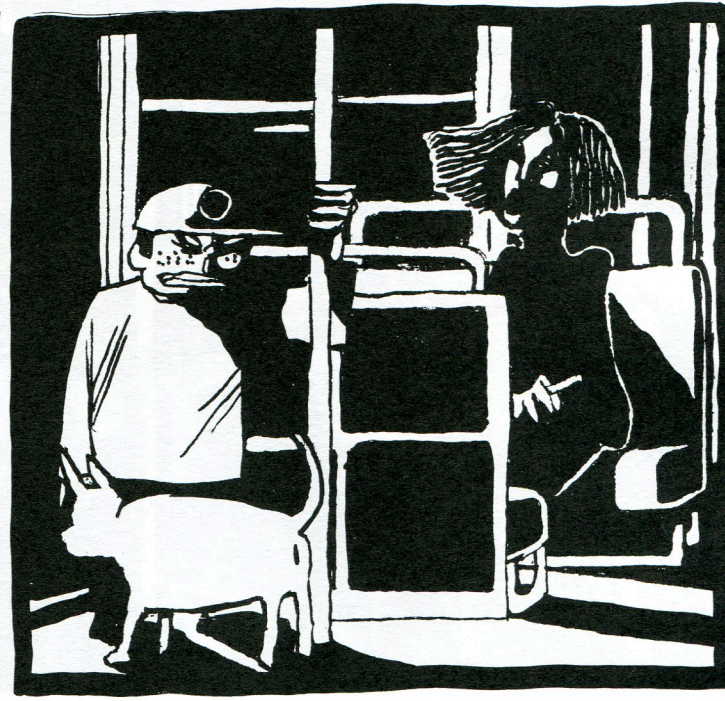
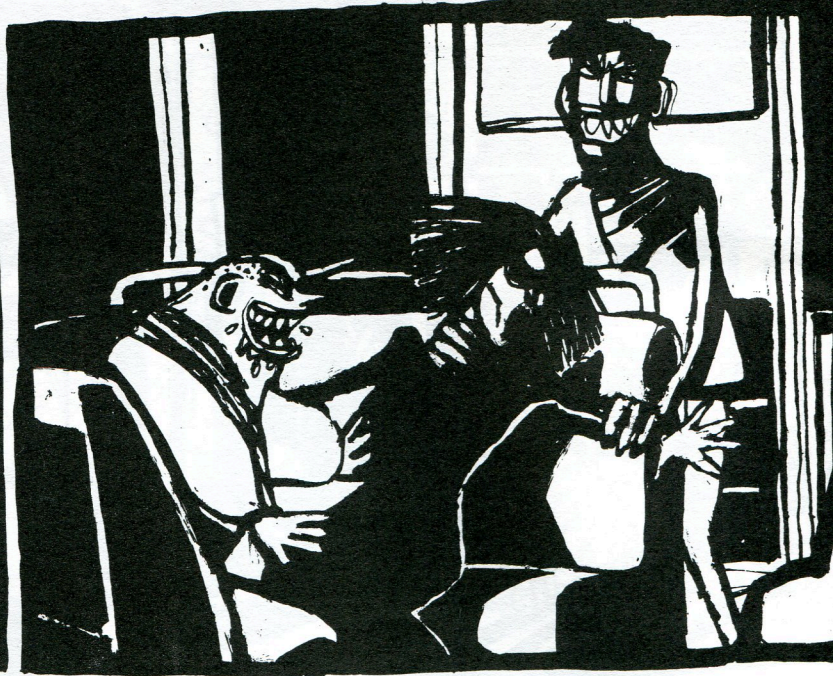
No fundo, trata-se de saber quando é que a violência aparece na história pela violência e quando é que surge integrada de forma lógica na narrativa. A qualidade do desenho é também muito importante.

Nos Estados Unidos têm grande sucesso entre os jovens os super-heróis violentos tipo "Batman", "Lobo", "Punisher". Em tais *comic books* a história é inexistente; as vinhetas dão lugar a *splash pages* que são autênticos "posters" com poses guerreiras; as lutas sucedem-se de página a contra-página. As armas são cada vez mais gigantescas, os músculos mais desmedidos, as armaduras mais cheias de farpas mortíferas. Como disse Cat Yronwode: "Um editor da Marvel disse que tais armaduras são 'visualmente excitantes', mas quando as vejo penso em Wilhem Reich e na sua teoria psicanalítica da "armadura da personalidade"; a protecção do "self" de todo o envolvimento emocional através da postura rígida e de estados mentais correspondentemente rígidos. (...) Protejam [os super-heróis] com armaduras encastoadas com caveiras de metal, com lâminas afiadas e brilhantes. Morte aos que os conhecem. Morte aos que lhes tocam. Morte à volta deles por todo o lado". ■

P.S.- Depois do que escrevi só me resta deixar um aviso: se os jovens consomem tais coisas devemos preocupar-nos com o seu (mau) gosto, não com as suas tendências homicidas.

STIG & MARTHA

MÅRDØN
SMET

clebard
a la con!
C. Fini 93

5º FESTIVAL INTERNACIONAL
DE BANDA DESENHADA
AMADORA 94
FÁBRICA DA CULTURA
22 OUTUBRO
A 6 NOVEMBRO
ORGANIZAÇÃO:
CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
PASSAGEM DE NÍVEL
Centro Cultural Roque Gameiro
I.P.E. INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES EMPRESARIAIS, S.A.
FUNDAÇÃO ORIENTE
MUSEU DA MARINHA
PÚBLICO
MÁS COMPANHIAS comics
MERIBÉRICA/LIBER
EDIÇÕES ASA
BARBOT
Lisboa
BERTRAND EDITORA
Abril Jovem
Editorial Verbo
SOLCAR
JCS

BELEZA EM CUBOS

(Balada para um serial killer)

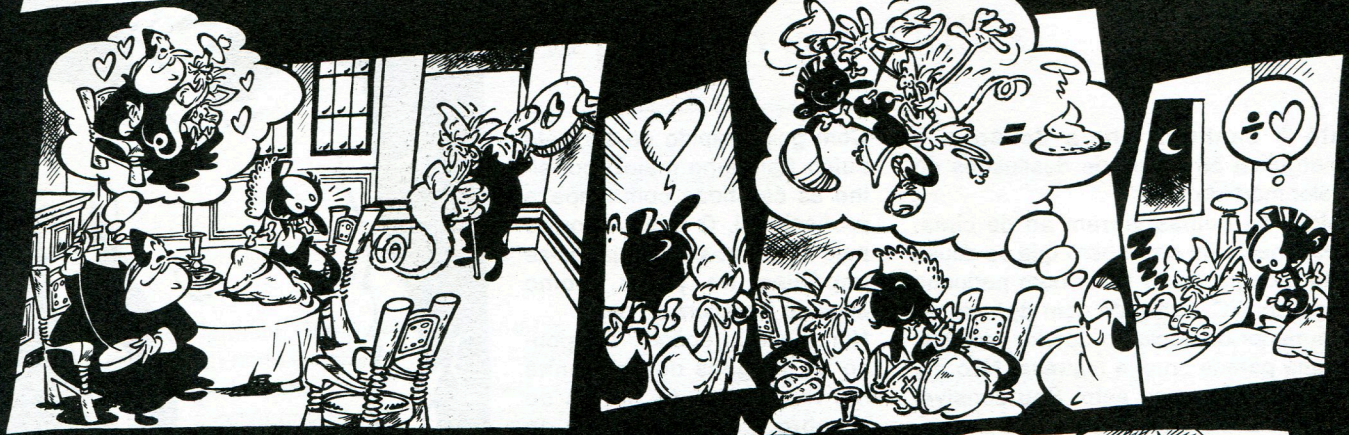
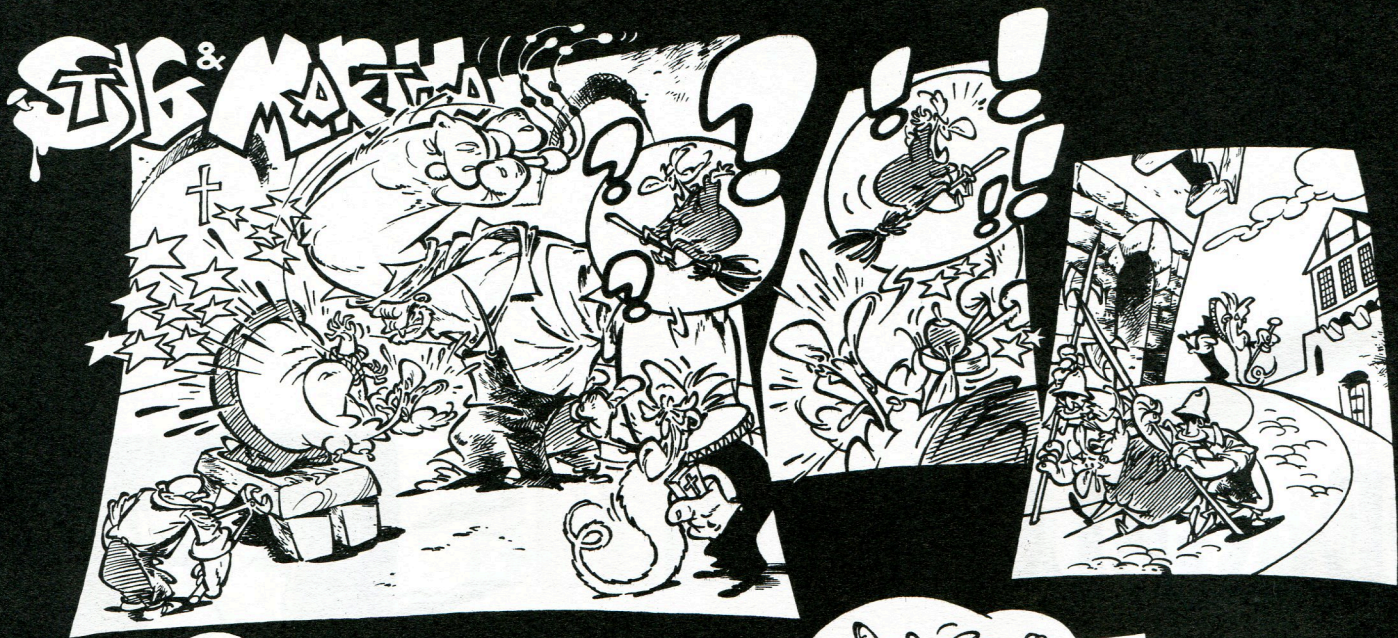
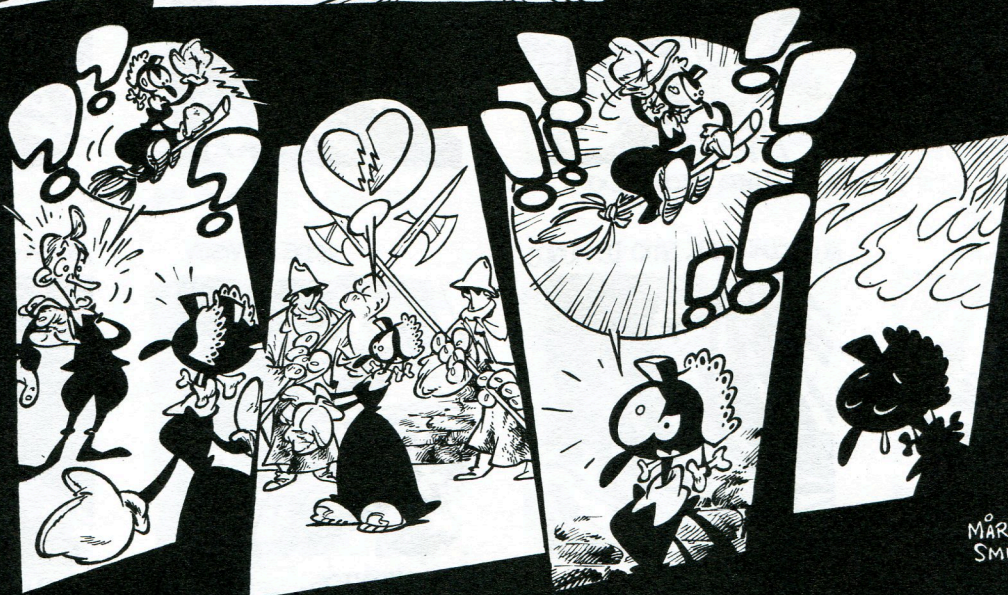
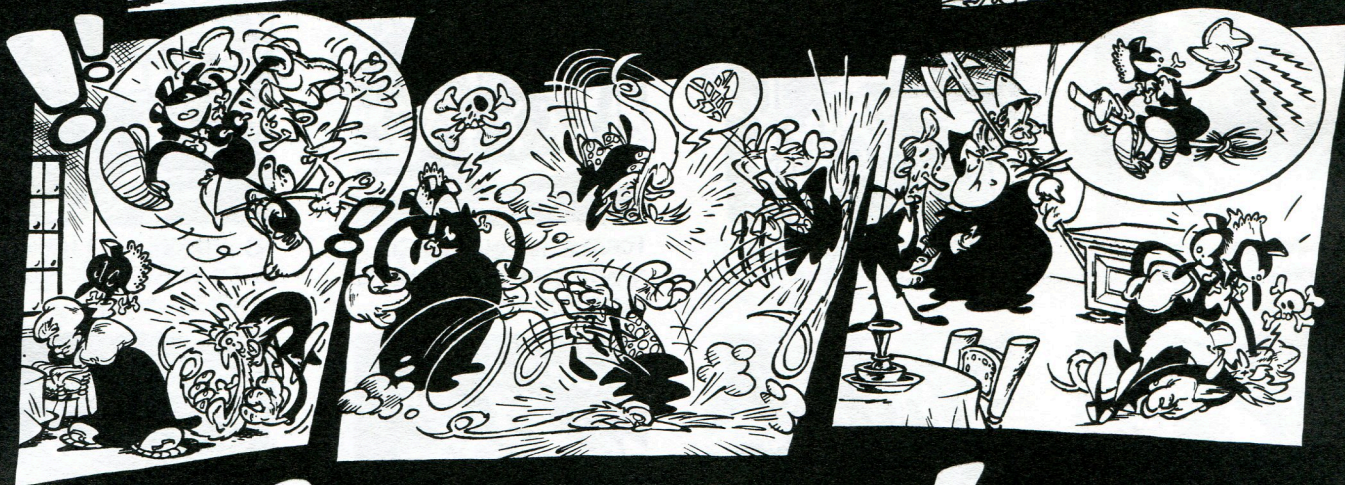
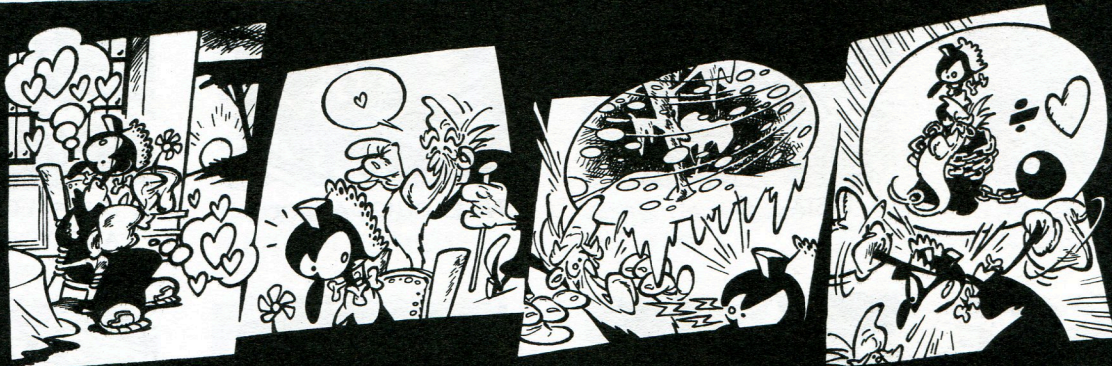
Conto de **Luís Graça**
Ilustrações de **João Mendonça**

Belas? Talvez. Nem sei. Como um luar a romper em noite de bruma. Da primeira vez era loura.
Olhos verdes como a selva amazónica, anacondas a rastejar pelo meu peito, ateando incêndios de vodka absolutamente infernal. Pôs-me lume no coração.
Obviamente amarrei-a. Esporeei todos os limites da minha consciência e pus-lhe uma mordaça de seda para afagar todos os meus tormentos. Penetrei-a com raiva incontida, porque aquele desejo malévolo nada tinha a ver com amor ou romantismo.
Dei-lhe prazer. Para que vejam os recônditos labirintos da mente feminina. Adormeceu suavemente tombada no meu ombro, suspirando ternurenta de orgasmos de veludo. Quando o sol começou a espreitar, não resisti. Radiografei aquelas olheiras, senti as narinas impregnadas do seu hálito, os cabelos em desalinho. A beleza mais não era que artifício de mil cosméticos importados. Asfixiei-a rapidamente. Ficou-se algures entre o sono e o sono eterno. Nunca me arrependi.
Da segunda vez era morena.
Com olhos de amêndoa torrada e lábios carnudos de sexo sedento por poemas rasgados na carne. Meiga na maré baixa, bruxa de fomes de fogo na maré alta. Por cabelos exibia crinas como riscos de caneta de tinta-da-china. Pretos, paralelamente finos. Alegria de poder violar os espaços e separá-los de forma aleatória, os dedos por ancinhos descuidados. Os seios eram montanhas por escalar, cravando terno a minha língua em seus mamilos, Amundsen perdido nas neves daquele olhar.
De manhã, não resisti à pose flácida do seu corpo, aos grunhidos mal dispostos, ao corpo despido de carisma, esquecido dos gemidos de amor. Arrastei aquele ser estranho e violento

DE GELO

até à banheira cheia de água e mergulhei 58 quilos de desilusões no calor mórbido.
Algumas bolhas vieram ao de cima, testamento do desespero que se diluiu, até o corpo inerte boiar num pequeno lago do WC, cultivado com desvelo no pormenor da cópia do quadro de Dali, numa parede cruel e matreira. Não me arrependi do meu acto. Sou sensível demais aos panoramas da minha vida.
Da terceira vez era ruiva.
Herança celta, por certo. Cabelos de ferrugem com cheiro a terra-mãe. Sorriso de demónio disfarçado de fêmea. Pele branca como o gelo da Escandinávia. Sorriso em brasa, sardas a pintalgar maçãs do rosto mais pecadoras do que a maçã que Eva deu a Adão, mais desequilibrada do que a maçã que caiu da árvore em frente a Newton. Foi uma noite de forças magnéticas em intercâmbio puro. Gestos, olhares, fobias, tudo serviu para esquecer as palavras. Por supérfluas seriam tomadas naquele quarteto de horas que durou um paraíso terreno feito por medida em alfaiate de luxo. Não resisti ao despertar da Bela Adormecida. Um arroto furtivo, seguido de dedos com verniz descascado a penetrar uma narina donde saiu um "macaquinho" rapidamente transformado em bolinha voadora. A decisão avassalou-me o cérebro tão instantânea como nescafé comprado em dia de chuva em supermercado de terceira, frequentado por contabilistas corruptos.
Com golpe rápido de canivete suíço (tamanho maior) cortei-lhe as carótidas com limpeza profissional. O sangue jorrou pelo corpo abaixo, alojando-se impúdico no púbis, como afluente à procura do delta.
Nunca me arrependi. Tampouco as imagens dessa manhã me têm batido às portas do cérebro, como vendedor de seguros. Estão enterradas em local seguro, impotente para perturbar o meu existir.
Da quarta vez tinha cabelos castanhos.
Mudavam de cor à luz do astro-rei. Tudo me soube demasiado a repetido. Logo aí a achei volúvel. Não ao ponto de recusar uma aterragem no seu ninho de amor, fixado nas nádegas firmes do seu corpo opulento.
Não me contentei com menos que sodomizá-la. Extraí-lhe da garganta gritos que Rolando não soube dar enquanto cravava a Durandal no rochedo.
Longe de mim vocação para Paladino. Deixei-me de cruzadas há muito tempo. Por isso apenas ia sufocando de nojo quando se rebolou pegajosa, em cima de mim, pela manhã. Remelas coladas aos olhos, vincos dos botões da almofada estampados na face esquerda do rosto.
Desembaracei-me dos tentáculos do polvo, saí da cama, tirei a arma do bolso do casaco e estourei-lhe os miolos. Que outra solução me restava?
Nunca me arrependi.
Tive mais casos com louras e morenas, ruivas e louras, morenas e ruivas. Ao todo, perdi-lhes a conta. Até que um dia a polícia me apanhou. Chamaram-me "serial-killer". Como se um "killer" fosse feito de cereal, tipo "corn flakes".
É preciso ser completamente insensível para resistir ao despertar das belas. O que fazer para curar a alma da beleza que desapareceu? Da magia que se escoou como corrente de ar? Das promessas esquecidas nos amplexos? Eles nunca me perceberam. A violência não é minha. A beleza não se pode conservar em cubos de gelo... Derrete-se pela manhã...

TIG & MARTHA

MÅRDØN
SMET
CTO

AINDA NEM É DIA.

O DIA TODO.

TODOS OS DIAS.

LUGARES CHEIOS
DE VAZIOS OLHARES.

NA HISTÓRIA DE UM DIA,
NO DIA QUALQUER.

A DISTÂNCIA

ENTRE OLHOS ABERTOS

E OLHOS FECHADOS
FICA ENTRE

UM OLHAR QUE NÃO
MAIS CONSEGUIU VER

E UM OUTRO QUE NÃO
QUER VER MAIS

PORQUE HÁ QUEM VEJA
VANTAGEM NISSO... HUM...
FIQUEMOS POR AQUI...

NO INTERVALO DO LONGE
E DO PERTO. ATÉ QUE
APAREÇA NO AR

UM RUÍDO

UM GRITO PROFUNDO

EM IMENSO SILÊNCIO

NUM QUALQUER SÍTIO DO MUNDO.

ARDE A VISTA.

FRAGMENTOS.
DE TANTOS POUCOS
MOMENTOS.

APAGA-SE A MEMÓRIA.

DE QUE PODEM ENTÃO
AS IDEIAS FALAR?
DE QUE SENTIMENTOS?

1994

DE QUE CORES, SONS,
SABORES?
DE QUE FORMAS, PERFUMES?

QUE PALAVRAS?
QUE IMAGENS?

ENQUANTO ISSO LÊ-SE
O JORNAL IMPRESSO.
EM PRESSA.

o seu trabalho?
AM – Gostaria de criar um espaço no qual todos tivessem lugar e onde existisse a noção de comunidade. Não concordo com ideia de hierarquia no domínio da dança. Acredito na possibilidade da aprendizagem. Desejaria, também, inspirar as pessoas a serem mais pacíficas, mais tolerantes. Queria a quietude. Será possível se mesmo a paz é tão selvagem?

ALGO PRENDE A ATENÇÃO.
UM ALENTO.
UMA PAIXÃO.

EM REDOR BUSCA
UM ABRIGO
QUEM NADA TEM.

UM OLHAR AMIGO
QUEM TEM NINGUÉM.

HOUVE UM SORRISO
DOS OLHOS ...

AGORA UM BRILHO
HÚMIDO.

ONDE ESTÁ O OLHAR
DAQUELES?
TUDO TÃO LENTO.

QUE VIRAM ESTES?

TUDO TÃO RÁPIDO.
OBSERVADA
SEM REPARAR.

SEM REPARO. SEM VIDA.
NINGUÉM VIU?

E O DIA JÁ SE VAI

EM OLHARES CRISPADOS

TALVEZ SÓ CANSADOS

A TODA A VELOCIDADE
MAS PARADOS.

DE SOL A SOL

(E NA ALTA NOITE)

LEMBRO A TERNURA
DE UM OLHAR

O TEU... SE CALHAR.

JPM 1994 (NO TOPO: AMANDA MILLER EM

Ficha Técnica

AZUL BD TRÊS é uma edição **Jogo de Imagens**, Assòciação sem fins lucrativos destinada à promoção da Banda Desenhada portuguesa e estrangeira, em especial a dos jovens autores. **Nº3**, Outubro 94. **Director:** Rui Brito. **Vice-Director:** Artur Pinheiro. **Redacção:** Artur Pinheiro, Luís Graça, João Simões, Jorge Deodato, Miguel Pinto da Costa e Rui Brito. **Criação, Maquetização e Fotocomposição:** Miguel Pinto da Costa e Rui Brito. **Assinaturas:** 3 números (1ano) 1000$00 (cheques ou vales à ordem de: Associação Jogo de Imagens). **Correspondência:** Apartado 6101, 2700 Amadora. Toda a participação em Azul BD Três é benévola. Todas as opiniões expressas nos artigos e BD`s são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores. Todo o material é © Azul BD Três e autores salvo indicação em contrário. Este número contou com o apoio da Câmara Municipal da Amadora.

Montagem, Impressão e Acabamento - Gráfica Guedelha - Portalegre - Depósito Legal n.º 81980 / 94 - 1000 ex.

Centros de Atendimento Juvenil

ENSINO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL, EMPREGO, SAÚDE, TEMPOS LIVRES, AMBIENTE

Espaço Jovem

Av. Combatentes da Grande Guerra, 12 B – Mina
Telefones: 493 12 41 ou 492 39 81
Horário: 2.ª a 6.ª – Feira, das 10.00 às 19.00 Horas

Loja Jovem

Rua D. Maria II, 23 A Damaia
Telefones: 476 06 60 ou 476 05 46
Horário: 2.ª a 6.ª – Feira, das 9.30 às 13.00 e das 14.00 às 17.30 Horas

Atendimento Especializado por Técnicos

ou pelo Telefone 476 05 46

Médico: *Segunda-Feira – das 14.30 às 17.00 Horas*

Assistente Social: *Terça-Feira – das 14.30 às 17.30 Horas*

Psicólogo: *Quinta-Feira – 10.00 às 13.00 Horas*

Acesso Livre • Anónimo • Gratuito • Confidencial

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

1K
?
SOBRE A VIOLÊNCIA
!!
!
JOÃO MENDONÇA
94